

Os adágios da língua portuguesa na obra de Bento Pereira (1605-1681)

The adágios of the Portuguese language in the work of Bento Pereira (1605-1681)

Maria do Carmo Henriques Salido*
Articulista Convidada

RESUMO

Neste trabalho estudam-se enunciados breves, concisos e com força expressiva de carácter moral, transmitidos oralmente de geração em geração, resumidos na maioria dos exemplos em estruturas simples, bimembres ou trimembres, uma oração ou várias orações, ou fórmulas sintéticas como uma locução ou grupos muito heterogêneos de palavras, recolhidos por Bento Pereira como *Adágios da Língua Portuguesa* (1655). Elaboram-se umas notas sobre a origem da lexicografia em Portugal, a lexicografia bilingue (latim e português) e a relevância dos *Tesouros*. Incorporam-se comentários sobre a biografia e a obra do autor. Apresenta-se apenas uma ordenação por palavras-nucleares que combina a ordem alfabética do nosso dicionarista e uma possível ordenação por domínios a partir das unidades lexicais documentadas na formulação de cada *adágio*, embora seja habitual que em muitos exemplos se entrecruzem vários domínios. Finaliza com as conclusões.

Palavras-chave: lexicografia, dicionários bilingues, paremiologia.

DOI: <http://doi.org/10.18364/rc.2022n62.537>

* Universidade de Vigo, mcsalido@uvigo.es. ORCID: 0000 – 2002 – 3315 – 5664.

ABSTRACT

In this work, brief, concise statements with expressive force of moral character are studied, orally transmitted from generation to generation, summarized in most examples in simple bipartite or tripartite structures, a sentence or several sentences, or synthetic formulas such as an utterance or very heterogeneous groups of words, collected by Bento Pereira as *Adagios da Lingoa Portuguesa* (1655). Notes are drawn up on the origin of lexicography in Portugal, bilingual lexicography (Latin and Portuguese) and the relevance of *Tesouros*. Comments on the author's biography and work are incorporated. We present an ordering by keywords that combines the alphabetical order of our dictionary writer and a possible ordering by subjects based on the lexical units documented in the formulation of each *adágio*, although it is usual that in many examples various themes intersect. This paper ends with the conclusions.

Keywords: bilingual dictionaries, lexicography, paroemiology.

Introdução

O primeiro momento da existência da lexicografia bilingue na Espanha (latim – espanhol), apesar da importância que tinha esta língua clássica, não se produz até 1490 com a obra *Universal vocabulario en latín y en romance collegido por el cronista Alfonso de Palencia*; com esta obra começa uma das etapas mais importantes da lexicografia espanhola, porém serão os dicionários de NEBRIJA, *Diccionario-Latino-Español* (1492) e o *Diccionario Español-Latino* (circa 1495) elaborados com um critério de simplicidade e destinados a um público muito diverso, os modelos seguidos por vários lexicógrafos de Portugal (VERDELHO, 1995).

O interesse na Europa por recopilar *adágios* surge com ERASMO DE ROTTERDAM, que “começou por uma colectânea modesta (*Adagiorum collectanea*) de 818 entradas, impressa em Paris em 1500. Erasmo alargou, em sucessivas edições, o número de adágios glosados, atingindo os 4151, na ed. de Basilea de 1536 [...]” (VERDELHO, 1995, p. 417). O castelhano HERNÁN NÚÑEZ, PINCIANO DE TOLEDO (1475-1553) publica a sua obra

em 1555 e COVARRUBIAS em 1611. O português DELICADO (1651) edita os *Adagios portuguezes, reduzidos a lugares communs*.

As mais importantes figuras espanholas e portuguesas intitulam as suas obras como *tesoro* ~ *thesoro* ou *tesouro* ~ *thesouro* (*thesauri*), porque o seu objetivo principal era reunir o maior número de unidades lexicais. Um bom exemplo será Bento PEREIRA, quando aparece o seu *Thesouro da Lingoa Portuguesa* (1647) declara que ficava assim suprimida “a falta de vocabulario em que estavamos com descredito da nossa lingoa, sendo injustamente de alguns julgada por menos copiosa” (VERDELHO, 1995, p. 379).

Em Portugal a lexicografia nasce no século XVI com CARDOSO e chega a ter certa plenitude com a obra de PEREIRA (VERDELHO, 1995, p. 351). Tem-se produzido num processo de interação em primeiro lugar com o latim e depois em confronto com outras línguas vizinhas contemporâneas, nomeadamente o espanhol dentro do espaço da Península Ibérica, porque era a língua de comunicação e intercâmbio escolar, onde tinha prepotência “especialmente nas Escolas da Companhia de Jesus” (VERDELHO, 1995, p. 379). Acompanha na sua origem à lexicografia europeia, mas com uma dimensão mais modesta, num espaço linguístico periférico e com um reduzido peso demográfico. Muita informação sobre a dicionarística portuguesa, um inventário e estudo exaustivo de património lexicográfico e até sobre “a dificuldade em induzir uma consciência linguística informadora ao nível da prática individual da escrita” pode ser vista em VERDELHO e SILVESTRE (2007, p. 48-50).

Na época em que aparecem estas obras lexicográficas, e a partir da tipologia elaborada por HAENSCH *et. al.* (1982), a paremiologia entraria no catálogo de dicionários, pois estes autores consideram “los refraneros o dictionarios paremiológicos” como um tipo concreto de dicionário, que apresenta as parêmias como unidades de descrição e pelo número de línguas haveria obras paremiológicas monolíngues ou plurilíngues. PEREIRA deve ser incluído numa tradição de transmissão cultural, que consiste na recolhida antológica de textos existenciais orais ou escritos e gera uma espécie de

síntese arquiteitual; reúne milhares de unidades lexicais com formulações morais, a tradução literal, equivalências ou comentários nas mais «puras e elegantes frases latinas» (CAMERON, 2018).

Da sua vida apenas mencionamos umas notas por ser conhecida na História da Lexicografia e Historiografia Linguística; além do mais tem sido exaustivamente estudada por grupos de investigação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)¹. Nasce em 1605 em Borba (Alentejo), ingressa na Companhia de Jesus; ensina Retórica, Humanidades e Teologia; na sua obra incorpora três línguas (latim, português e castelhano) e escreve com um propósito pedagógico. Confessa ter lido dicionários de latim e castelhanos. Falece em 1681.

A parte que se estuda da *Prosodia*, constituída por vários estudos analisados por CAMERON (2018), é a segunda “os principais adágios portugueses, com seu latim prouerbial correspondente”, editado em 1655, “pera se aiuntar a Prosodia, & Thesouro portugues, como appaendiz, ou complemento”. Uma modalidade de dicionário concreto, uma obra paremiológica bilingue, que apresenta os adágios (parêmias) como unidades de descrição; são patentes as dúvidas ou vacilações ortográficas no conjunto de adágios, grafias que se respeitam neste contributo.

Documenta-se uma notável presença de adágios em espanhol, nos quais são claros os erros na transcrição, nos comentários ou equivalências e unidades gramaticais híbridas, formadas por elementos tomados do português e do castelhano. Reproduzimos, como recurso de ilustração, provérbios e “refrans”, que podemos ver em HERNÁN NÚÑEZ, PINCIANO DE TOLEDO (1555) ou COVARRUBIAS (1611) (HENRÍQUEZ, 2021, p. 94-98):

1 Podem ser vistos neste endereço eletrónico (<https://www.utad.pt/cel/wp-content/uploads/sites/7/2021/CEL - Portuguese-Orthographers 4-compactado.pdf> e Portuguese Orthographers do Centro de Estudos em Letras).

Achaque al Viernes, por no ayunar; Alfin se canta la gloria; Al freir lo veremos; Algo hemos de hazer, por emblanquecer; Animo vence la guerra, y no arma buena; A su casa lleva el hombre, com que llora; De cien en cien annos reys son villanos, y de ciento y seis los villanos reys; Del dicho al hecho va gran trecho; Dime com quien tratas, direte quien eres; El consejo del viejo; En tu villa, como en tu villa, y em Sevilla, como en Sevilla; Guardar la risa pera la llora; Hidalgo como El-Rey, dinero no tanto; La mucha consersacion es causa de menos precio; Obras sam amores, & nam palavras doces. Diz o Castelhana, obras son amores, y no buenas razones; Paga loque debes, sanarás delmal, que tienes; Palavras, y plumas el viento las lleva; Por nÛs seamos buenos y no por nuestros abuelos; Si la pildora bien supiera, no la doraran por de fuera; Si mucho las pintas y regalas, de buenas hijas harás malas; Uno piensa el bayo, y otro quien le ensilla, etc.

PEREIRA é pouco sistemático, nuns exemplos inserta o exemplo em latim e a seguir incorpora a tradução, equivalência, glossa ou comentários. A diferença de COVARRUBIAS mal comenta ou explica o sentido de cada adágio, pelo qual não existem dados suficientes para construir um estudo da significação baseado na análise das noções, a fim de determinar as formas linguísticas e as relações lexicais. Não obstante, entre as fontes de COVARRUBIAS ou de PEREIRA, conforme temos examinado (HENRÍQUEZ, 2021, p. 93-94), devemos mencionar mais uma vez a *Bíblia*, numa consulta de um ‘Índice analítico’ podemos ver os vícios, que deviam ser reprimidos, condenados ou proibidos, também sabemos que o desejo insaciado da riqueza era maldito e punido, por ser a raiz de muitos males. Nesta relação (a ambição, a avareza, a inveja, a mentira, a murmuração, a preguiça e a usura) estão vícios censurados nos adágios.

Assinala estas cifras L1756 (1815) e finaliza com frases em latim e a invocação a Deus e à Virgem Maria:

Zombai com o tolo em casa, zombará com vosco na praça.
L1756 (1815). Si stulto clam illudet tibi palam.

FINIS LAUS DEO,
Virginique Matri.

1. Adágio, anexim, paraemia, provérbio, rifão

Uma das propriedades do léxico das línguas históricas é que os significados das palavras não sejam absolutamente independentes, o mais freqüente é que estejam conectados por relações. Um falante culto do português ou do espanhol no século XVII era consciente de que *adagio*, *paraemia*, *prouerbio*, *refrão* significavam o mesmo; esta semelhança de significação permite que uma unidade lexical seja escolhida pela outra em alguns contextos sem que se altere a significação literal do enunciado. O lexicógrafo português no *Tesouro da Lingoa Portuguesa* (1647) incorpora as entradas “adagio”, “refrão” e “prouerbio”: “Adagio, Proverbium, ii. Paraemia, ar. Adagiü.ii. Adagio, onis” (4v), “refrão”: “Refrão. Vide. Prouerbio.” (82r.) “Prouerbio. Adagium, ii. Prouerbiu.ii.” (79r.).

No que se refere ao “refrán”, para o lexicógrafo espanhol NÚÑEZ (1555), “es axioma no porque venga de la sabiduría popular, sino porque se encuentra refrendado en los grandes autores” (MADROÑAL, 2002, p. 30). Nesse período não todos os adágios ou provérbios tinham origem popular, muitos procediam da *Bíblia*, da tradição grecolatina, textos jurídicos ou obras literárias da Idade Média ou dos séculos XVI e XVII (HENRÍQUEZ, 2021, p. 82-83).

Mesmo que tenha sido um tema muito debatido, e na atualidade não seja simples delimitar na prática se duas unidades lexicais são sinônimas, naquela época, a partir dos dados obtidos da leitura das obras destes dois lexicógrafos, a relação que se estabelece entre estes vocábulos é a de sinonímia: os dois significados mostram o mesmo conteúdo semântico. No caso de COVARRUBIAS “proverbio” e “refrán” podem ser intercambiados livremente em qualquer situação sem que isto produzisse nenhum tipo de contraste (HENRÍQUEZ, 2021, 83-86). Na atualidade, HOUAISS (2001) define *adágio* “sentença moral de origem popular; anexim, ditado, provérbio” e o DACL (2001) “Dito tradicional, frequentemente de origem e uso popular, que encerra um ensinamento, uma moralidade. ≈ DITADO, MÁXIMA,

PROVÉRBO, RIFÃO, SENTENÇA” (DACL, 2001, s.v.), existiria a sinonímia parcial ou seriam unidades lexicais equivalentes.

De todos estes termos acaso o mais discutível seria *anexim*, no momento concreto em que viveu PEREIRA. Fundamentamos a nossa hipótese a partir da informação de MACHADO (1977, s.v.): procede do árabe [...] “«elevação da voz, canto; poema que se recita nas assembleias; trecho de declamação, hino; deve ter tomado o sentido de «adágio» no Andaluz [...]; não consegui documentar em textos medievais este arabismo, que, mesmo hoje, tem uso reduzido”. Este deve ser o motivo principal pelo qual não o menciona PEREIRA.

Esta obra ajusta-se aos parâmetros exigidos para os dicionários, deve ser examinada num determinado contexto histórico e cultural. PEREIRA indica no início da sua obra: DOS PRINCIPAES ADAGIOS PORTUGUESES, COM SEU LATIM PROUERBIAL CORRESPONDENTE. Organiza o seu dicionário seguindo a ordem alfabética, incorpora a primeira letra do abecedário e a seguir insere os exemplos. Se bem que seja evidente a falta de sistematização, nuns casos inclui o latim e a seguir a tradução ou comentário e noutros escreve primeiro o texto em português e a continuação a tradução, comentário ou paráfrase em latim:

(a) Menciona o enunciado em latim e a seguir incorpora a tradução, glosa ou comentário em português; é o modelo mais freqüente:

L907 (935). Parturiens montes, nascetur ridiculus mus.

Mais se sabe por experiencia, que por aprender.

L1016 (1044). Albae gallinae filius.

Tomado da gallinha branca, que no collo de Livia deixou cair a aguia, & porque os Romanos tinhaõ o branco por symbolo de felicidades.

L1035 (1063). Arcadiu juvenis.

Porque os de Arcadia tinhaõ pouco saber.

L1043 (1071). Nec si ad Jovis aulam.

Nam esperteis o caõ que dorme.

L1068 (1098). Feli crocoton.
Nam faz a vestidura quartapizada ao gatto.
L1108 (1139). Nec mulieri, nec gremio credentum.
Nam se ganham trutas a bragas enxutas, etc.
L1145 (1176). Nem per somnium quidem.
Nem por muito madrugar amanhece mais cedo.
L1181 (1213). Nunquam ex malo patre nascitur bonus filius.
Nunca de mã arvore bom fruto.
L1477 (1520). Maza post panem bona.
Porque maza era comer somenos, & supria ao pam
L1570 (1618). Pisce sanior.
Porque os pexes nam tem doenças.
L1690 (1745). Augesces sóphia, pelagoque & Principis aula.
Tres cousas destroem ao homem, muito fallar, & pouco saber, muito
gastar, & pouco ter, muito presumir, & pouco valer.

(b) Inserta o texto em latim e a continuação comentários ou explicações de certa extensão em português (ou construções híbridas):

L1177 (1209). Sustine, & abstine.
Foi sentença de Epiclete filosofo, a qual bem guardada faz a hum homem
perfeito vencedor.
L1431 (1471). Callidus est latro, qui tollit furta latroni. Quem ensinou a
Pedro fallar Galego?
L1581 (1631). Semper veritatis pondus erupit.
Sempre debes medir tus negocios por los fines, peraque mejor atines.
L1619 (1670). Mars communis.
Também a formiga tem catarro, Ou Tambem Joam Taz tem bésta.
L1623 (1677). Ne quid nimis.
Tantas vezes vai o cantarinho à fonte, até que quebra, etc.

(c) Selecciona o texto em português e a seguir coloca o texto em latim:

Mula, que faz him, & e mulher que falla latim, raramente ha bom fim.
L1009 (1037). Odi faeminas litteratas.
Nada duvida, quem nada sabe.

L1018 (1046). Ille nihil dubitat, quem nulla scientia ditat.

O homem he fogo, & a mulher estopa, vem o diabo, & assopra.

L1215 (1248). Dicitur ignis homo, sic faemina stupa vocatur: Insufflat Daemon: gignitur ergo focus.

O homem propoem, & Deos dispoem.

L1216 (1249). Vanus homo statuit: Deus Optimus omnia condit. Praevertit anchorae jactum Deus.

O hospede, & o peixe aos tres dias aborrece.

L1217 (1250). Piscis nequaquam est, nisi recens. Hospes, & piscis tertio quoque die odiosus sunt.

L1692 (1747). Trinta tem Novembro, Abril, Junho, & Setembro, vinte, & oito tem hum, & os outros trinta, & hum.

Triginta Aprilis, Junius, & Setemque, Novemque. Unus plus alii, viginti Februs octo, etc.

2. Domínios principais

Para delimitar e descrever a estrutura de um domínio e os conceitos ou ideias que fazem parte dele, utiliza-se um sistema de classificação dos adágios a partir de determinados domínios, esferas ou níveis, que não estão isolados, mas comunicados entre eles pelas relações lexicais-semânticas, porque um significante pode estar constituído por vários significados.

Para elaborar este apartado, lemos a obra e utilizamos como orientação a classificação ideológica lexical proposta por CASARES (1959, p. XXXIV-XXXV) no seu *Diccionario ideológico*, aplicáveis à realidade cultural portuguesa do século XVII, não muito diferente à espanhola do mesmo século, como pode ser verificado com a consulta de COVARRUBIAS (1611). Os domínios estão em relação com o conhecimento humano e as disciplinas científicas como a Biologia (compreende outras ciências do mundo orgânico), Botânica, Zoologia, ou esferas como o dinheiro, a mulher, a vida familiar, etc. que encerram sempre um ensinamento, uma moralidade. A relação de adágios estudados é o resultado de uma seleção.

A metodologia consiste em recolher todos os exemplos, porém como a diferença de COVARRUBIAS (1611) PEREIRA apenas comenta a sua significação ou sentido na época, esta circunstância origina problemas para o seu estudo e para ver as relações lexicais. Observam-se empiricamente substantivos dentro do correspondente adágio, escolhem-se as unidades lexicais sobre as quais se constroem as ideias nucleares das parêntias. É preciso salientar que aparecem classes e grupos de vocábulos conceptualmente homogêneos num mesmo grupo que podem corresponder a vários níveis ou esferas.

Não podem ser agrupados em sentido estrito por domínios, pois quase não existem ideias originais do autor, e há provérbios, frases e modismos proverbiais que representavam a sabedoria popular na sua mais ampla acepção. Não se inclui um índice final com todos os adágios, pois pode ser difícil localizar um determinado adágio. Vários exemplos: o adágio, *Si mucho las pintas, y regalas, de buenas hijas harás malas*, está selecionado no domínio da família, e não no da mulher; *Em casa de Gonçalo mais pode a gallinha, que o gallo*, está no da mulher e não se comenta no mundo animal/fauna; *Reprender velho, & espulgar cão duas doudices sam*, está no da velhice e não no mundo animal/fauna, etc.

Os adágios mais freqüentes pertencem ao mundo animal. Estão representados os dois grandes grupos, os Vertebrados e os Invertebrados, este segundo grupo é menos numeroso: *abelha (Miguel, Miguel, nam tens abelhas, & vendes mel?; Nam morde a abelha, senom a quem trata com ella); câgado (Câgado, pera que queres botas, se tens as pernas tortas?; Vai cardar lã de câgados); caranguejo (Anda pera traz, como caranguejo); escaravelho (Vai brincar com a maçã do escaravelho); formiga (Segue a formiga, viverás com fadiga); mosca (He tam bom, que o papam moscas), pulga (Fazer de huma pulga hum cavalleiro armado), etc.*

No grupo dos Vertebrados haveria que distinguir género, espécie e traços distintivos de cada animal, para comprovar os defeitos ou imperfeições graves das pessoas, analisar os conselhos ou determinar o seu adoutrinamento. Assim, a palavra *cão* aplicada a uma pessoa denota que

pode ser ou é muito má, vil; *corvo* caracterizaria os indivíduos como astutos e inteligentes; *galinha* aplicada a uma mulher corresponderia a uma mulher que age publicamente sem freio ou moral; *gatto* designaria um indivíduo ligeiro, esperto; *ratto* denominaria pessoas que praticam furto ou são trapaceiras, etc.

É preciso advertir que pela simples consideração das menções (por exemplo, “mundo animal” /fauna ou “mundo vegetal”/ flora) se esteja perante um caso específico da Zoologia ou da Botânica, estes significantes denotam uma qualidade humana de caráter moral, física ou psicológica; são metáforas, aparecem como idênticos dous termos ‘A’ e ‘B’, que são diferentes. Assim, a *mulher* pode ser uma *galinha* (*Onde está o gallo, nam canta a galinha; Triste da casa, onde a gallinha canta, & e o gallo calla*). Um *home* pode ser um *cão* ~ *cam*, um *corvo*, um *gatto*, um *raposo* ou um *ratto*: *Caõ, que nam ladra, guarda delle; Criaí o corvo, tirarvosha o olho; Gatto escaldado da agua fria ha medo; Gatto meador, nunca bom caçador; Bem sabe o gatto, cujas barbas lambe; Raposo, que tarda, caça aguarda; Ratto, que nam sabe mais, que hum buraco, depressa o toma o gatto*, etc.

Haveria que considerar nos Mamíferos determinadas características de cada espécie: *asno*, *becerrinha*, *borrego*, *boy*, *cabra*, *cabrito*, *cão*, *cavallo*, *coelho*, *gatto*, *lebre*, *lobo*, *ovelha*, *porco*, *raposa*, *rato*. Do *gatto* pequeno mamífero carnívoro, da família dos félidos; *ratto* da família dos murídeos; *ouriço* pequeno mamífero da família dos erinaceídeos, dotados de pêlos modificados em espinhos. Exemplos: *Agora que tenho ovelha, & borrego, todos me dizem. Venhais embora, Pedro; Anda a raposa aos grillos; Asno morto cevada ao rabo; Cão, que muito ladra, nunca bom pera a caça; Da casa do gatto nam vai o rato farto; De boy manso me guarde a mim Deus, que do bravo me guardarei; Fallai no lobo, verlheeis a pelle; Mattar dous coelhos de hũa cajadada; O cavallo engorda com o olho do seu dono; Porcos com frio, homens com vinho fazem gram ruido; Primeiro voará um asno per o Ceo; Quem cabritos vende, & cabras nam tem, donde lhe vem?; Se assim corres como bebes, vamos às lebres; Tanto morrem dos cordeiros, como dos carneiros*, etc.

Dentro das Aves estão a *galinha*, fêmea do galo e o *galo* aves galiformes, da família das fasianídeos domésticas; a *andorinha* (*Huma andorinha nam faz veram*), *estorninhos* e *pardais* (*Estorninhos, & pardais todos querem ser iguais; Mais val um passarinho na mão, que dous que vam voando*). Com menção explícita aos Peixes aparecem poucos adágios (*Como te conheço vesugo: & elle era cranguejo; O hospede, & o peixe aos tres dias aborrece; Pella bocca morre o peixe; Tudo tem seu tempo, & a arraia no Advento*).

Nos casos do mundo vegetal ou produtos elaborados existem denominações genéricas, que podem advertir sobre resultados ou hábitos futuros (*De boa arvore bom fruto; Nunca de mà arvore bom fruto; Quem nam tem farinha, escusa pineira; Quem nam tem pam alvo, coma do ralo*). Apenas aparecem nomes de árvores e frutos (*Em tempos de figos nam ha amigos; Nam tem eira, nem beira nem ramo de figueira*), mais exemplos existem de plantas e arbustos (*alho, bugalho, cebola ouregam, vide*): *Fallam em alhos, responde em bugalhos; Fazer do Ceo cebola; Metter palha na albarda, id est, enganar; Misturar alhos com bugalhos; Nam se arrancando a sylveira, padece à videira; Nẽ todo matto he ouregam, etc.*

Estas sentenças concisas e força expressiva resumem na maioria das parêmias numa estrutura bimembre uma experiência da vida através dos séculos; em ocasiões os seus postulados são difíceis de interpretar na atualidade. Podem ser comparativas ou assertivas. Abundam “enunciados fraseológicos”, fórmulas sintéticas (uma locução ou grupo de palavras muito heterogéneo), com um grau de fixação menor do que os adágios, que não devem ser considerados parêmias prototípicas, denominações com sentido figurado, onde existe uma atribuição, construída sobre um substantivo, para denotar uma qualidade humana ou circunstancial: *A mãos lavadas; Amigo de seu proveito; Amigo só de chapeo; Caõ de palheiro; Dar um lembrete; Dar no alvo; Dar no seu escudo; Pera dia de S. Cerejo; Salsa de Sam Bernardo; Taes com taes; Ter olhos de toupeira; Ter bocca de lobo, etc.*

É conhecido que estavam destinadas à sua memorização e admitem poucas mudanças, são exemplos de citações ou de “discurso repetido”, isto

é, formas estabelecidas pela tradição. Expressam verdades de tipo geral e podem ser anônimas ou documentadas em autores clássicos grecolatinos ou na lexicografia espanhola e portuguesa, com uma relativa fixação e certa autonomia sintática e lexical. Dentro dos adágios pode-se localizar um exemplo bastante similar para justificar uma coisa e a contrária (*Mais val, quem Deos ajuda, que quem muito madruga; Nem por muito madrugar amanhece mais cedo*) e conhecer qualidades ou estados do homem relacionados com a idade, três coisas que o fazem medrar ou três coisas que o destroem :

L1665 (1719). Omnes melius sibi esse malunt, quam alteri. Vide a justiça.

Todo, o que aos vinte nam barba, aos trinta nam sabe, aos quarenta nam tem, tarde baba, tarde sabe, tarde tem.

L1689 (1744). Intus canere.

Tres cousas ao homem fazem medrar, sciencia, mar, & casa real.

L1690 (1745). Augesces sóphia, pelagoque & Principis aula.

Tres cousas destroem ao homem, muito fallar, & pouco saber, muito gastar, & pouco ter, muito presumir, & pouco valer.

Nos adágios de PEREIRA predomina a moral universal, não vemos anticlericalismo ou exemplos de procacidade; todas estas parêmiias têm um conteúdo moral ou conselhos práticos.

3. Domínios, esferas, níveis e inter-relações semânticas

Para cada domínio selecionam-se séries de palavras que têm certa relação lexical-semântica, que abrangem denominações ou terminologia diversa. As classificações realizam-se em função da palavra-nuclear, isto é, as unidades lexicais documentadas não pelos seus significantes, mas pela sua significação ou sentido; alguns adágios, considerados como membros de uma mesma classe num conjunto ordenado por temas, poderiam ser classificados em epígrafes diferentes. Devem ser lembradas a heterogeneidade da categorização das poucas palavras-nucleares selecionadas, relacionadas

com a *alimentação*, o *dinheiro*, a *família*, a *mulher* e a *velhice*, as fronteiras não estão claras; por este motivo elabora-se um apartado específico, com níveis ou esferas, quer dizer, um conjunto de adágios inter-relacionados semanticamente.

A seleção é incompleta, e além do mais podem existir incoerências ou lacunas, porque a interpretação semântica é por natureza polissêmica, pois os significantes têm multiplicidade de sentidos, um fenômeno comum nas línguas históricas, e além disso há usos figurados por metáfora.

3.1 Alimentação

Assinalam-se quatro níveis:

(a) Alimentos básicos e produtos elaborados a partir de elementos procedentes do mundo animal ou vegetal e com frequência documentados na história da civilização europeia ocidental. Apenas lembrar que na *Bíblia* a palavra *pão* pode ter o sentido geral de “alimento” e que o *vinho* podia ser símbolo de alegria e que era oferecido nos sacrifícios.

Estes alimentos são bem conhecidos: *Cada cuba cheira ao vinho, que tem; Caiolhe a sopa no mel; Carne de hontem, peixe de hoje, & vinho de outro veram, fazem o home sam; Carne, que baste, vinho, que falte, pam que sobre; Com pam, & vinho se anda caminho; Do bom vinho bom vinagre; Ninguem diga, deste pam não comerei; O bom vinho a venda traz consigo; Pam, & queijo mesa posta he; Por carne, vinho, & pam deixo quantos manjares sam; Prova teu caldo, nam perderás teu pam; Queijo de ovelhas, leite de cabras, manteiga de vaccas; Vinho do meio, mel do fundo, azeite de riba; Vinho velho, amigo velho, ouro velho, etc.*

(b) Conselhos sobre as comidas, quando se devem comer, beber ou provar no seu ponto ótimo (harmonia entre produto e qualidade), alimentos favoráveis para a saúde: *Bebeo com leite; Come caldo, vive em alto, anda quente, viverás longamente; De caldo requentado nunca bom bocado; Mel novo, vinho velho; Se queres cedo engordar, come com fome, & bebe devagar;*

Sobre peras vinho bebas. Alguns devem ser dosificados: Huma azeitona ouro, segunda prata, terceira matta, etc.

(c) Conselhos práticos e informação sobre imperfeições das pessoas ou as relações pessoais; as denominações costumam ter um sentido figurado: *Aproveitar os farellos, & espergigar a farinha; A quem coze, & amassa, nam furtos a massa; Cada hum chega a braza à sua sardinha; Carne sem osso, id est, proueito, sem trabalho; Comida de fidalgos pouca em mantens alvos; Depois de beber, cada hum dà seu parecer; Em toda a parte se come pam, id est, se vive; Não te debes fiar, senam daquele, com quẽ ja comeste hum moio de sal; O pexe, & o cochino a vida em agua, & a morte em vinho: Quem quizer bem cear, à sua casa o vâ buscar; Merece o pam que come; Nam faze boa farinha, id est, não conchavalham; Sopa de mel nam se fez pera bocca de asno; Ter palavras de mel, & coraçam de fel; Versas, que nam has de comer, nam as queiras remecher, etc.*

(d) Níveis e esferas: *Bem jejua, quem mal come; Bem mal cea, quem come por mam alhea; Bocca nam admite fiador; Estou feito de mel, & vinagre; Na mesa chea bem parece iguaria alhea; Grande saber he nam fallar, & comer. Vide ovelha, que berra; Guarda pam pera Mayo, & lenha pera Abril; Negra he a cea na casa alhea; Nem cada dia rabo de sardinha; Ninguem diga deste pam não comerei; Pam fatiado nam farta rapaz esfaimado; Paõ comido, companhia desfeita; Pam do vizinho tira a fastio; Pescador de cana, mais come, doque ganha; Pouco fel faz amargoso muito mel; Quem tem fome, cardos come; Quem tem sangue, faz chouriços, etc.*

3.2 Dinheiro

Quase todos os adágios apresentam um grande conteúdo formal e quase idêntico: o absoluto poder do dinheiro e a sua importância sobre outras formas de virtude. Porém, pode haver falta de consistência nas vinculações entre os distintos níveis relacionados com o dinheiro; vários exemplos seriam difíceis de classificar, porque PEREIRA quase não menciona as fontes

utilizadas nem inclui comentários pessoais. Estes enunciados sentenciosos deixam pouco espaço para o idealismo, mostram uma visão nada ingénuas das relações interpessoais. Evidenciam-se quatro níveis:

(a) Com o dinheiro uma pessoa pode fazer tudo: *Amor faz muito, o dinheiro tudo; Bons costumes, & muito dinheiro faram a meu filho cavalleiro; O muito dinheiro fará a teu filho cavalleiro; Quem dinheiro tiver, fará o que quizer; Taparamlhe a bocca com dinheiro; Tudo pode o dinheiro.* Vemos até o que é capaz de fazer um agente determinado (*Por dinheiro baila el perro; Queres que te siga o cão? Dalhe pão. Vide por dinheiro*). É melhor o dinheiro do que um conselho (*Daime dinheiro, nam me deis conselho*).

(b) O dinheiro é causa de vícios ou imperfeições graves como a afeição pelo dinheiro, a ambição, a avareza (traço distintivo da gente obcecada por adquirir dinheiro), a cobiça (*A cobiça rompe o sacco*), a usura (identificadora de quem é avarento). É notável a insaciabilidade, a penúria e o egoísmo dos avarentos (*Ao avarento tanto lhe falta, o que tem, como o que nam tem; Avarento rico, nam tem parente, nem amigo*). A amizade também está relacionada com o dinheiro (*Em quanto ha dinheiro, ha amigos ; Mais val amigo na praça, que dinheiro na arca*).

(c) A imagem social dos avarentos é negativa (*Na arca do avarento o diabo jaz dentro; O avarento por hum real perde cento*) e também pode ser a dos ricos (*He rico como huma besta*). Há relações com os pagamentos/dívidas: *Dinheiro emprestaste, inimigo ganhaste; Quem empresta, nam cobra; & se cobra, nam todo; se todo, nam tal, & se tal, inimigo mortal; Renego de contas com parentes.* Conselhos sobre convivência e valores (*De quem do seu foi mau dispenseiro, nam fies o teu dinheiro*).

(d) Níveis e esferas: *A rico nam devas, & à pobre nam promettas; A ricos sobejamlhes amigos; Gallinha gorda de pouco dinheiro; Hidalgo como El-Rey, dinero no tanto; Meu dinheiro, teu dinheiro, vamos à taverna; Não he pobre, o que tem pouco, se nam o que cobiça muito; O dinheiro nam matta a fome; O rico mais enriquece, & o pobre mais empobrece; Palavras nam custam dinehiro, etc.*

3.3 Família

A família tanto pode ser o casal (*pay, mãy e filhos*), como o grupo de pessoas que vivem sob o mesmo teto (*criados*), os que têm uma ancestralidade comum ou os que descendem dos mesmos antepassados (*avós, pay do pay ou da mãy*) ou constituem a família (irmãos da mulher ou do marido) (*cunhada*) ou *mãy* ou *pay* do marido ou da mulher (*sogra, sogro*). Parecem ser evidentes os problemas que pode ter a mulher casada com a sogra ou a cunhada. Distinguem-se três níveis:

(a) Não mediar nas disputas entre familiares, pois antes ou depois poderiam reconciliar-se e então poderiam volver-se contra o mediador (*Entre pay, & irmãos nam mettas as mãos*), tampouco há que mimar filhos, moços ou criados (*Filhos, & criados nam mimar, quem os quer lograr; O moço mal criado, de seu muito falla, & sendo perguntado, calla; O moço, que nam he castigado, nem serà cortesam, mem letrado*).

(b) Os conselhos sobre parentes são muito heterogêneos: *Aquella he bem casada, que nam tem sogra nem cunhada; Do pam de meu compadre grande fatia â meu afilhado; Faze teu filho herdeiro, nam o faças despenseiro; Mais perto estão dentes que parentes; Minha comadre o officio da rãa, bebe, & palra; Nem çapateiro sem dentes, nem escudeiro sem parentes; Por NÚs seamos buenos y no por nuestros abuelos; Primeiro estam dentes, que parentes; Quem nom tem sogra, nem cunhada he bem casada; Se queres bem casar, casa com teu igual; Ventura te dé Deos filho, que saber pouco te basta, etc.*

(c) Níveis e esferas: *Antesque cases, vé o que fazes: porque nam he nõ, que desates; Bom he ter pay, & mãy, mas comer, & beber rapa tudo; Casarâs, & amansarâs; Estar como villam em casa de seu sogro; Faltando a familiaridade, falta a amizade; Hidalgo, como El-Rey, dinero no tanto; Lagrimas de herdeiros, risos secretos; Meus filhos criados, meus trabalhos dobrados; Não se tem enveja aos defuntos, & apartados, senam aos visinhos, & chegados; Nam vai pello caminho de seus pays; Onde bem me vai, tenho*

mã, & pay; Perda do marido, perda de alguidar, hum quebrado, & outro no poial; Por falta de homens fizeram a meu pay juiz; Quem longe vai casar, ou vai enganado, ou vai enganar; Se queres bem casar, casa com teu igual, etc.

3.4 Mulher

A obra deve ser analisada no âmbito da misoginia da época, manifesta na história e nas obras da literatura universal. Especificam-se imperfeições graves que tem a mulher, é uma pessoa com tendência ou disposição para praticar o mal, sem qualidades morais do ponto de vista social ou comportamento na sociedade, sempre governa. A sua tendência a desperdiçar, o desejo de comprar é inerente a todas as mulheres (*A moça em se enfeitar, & a velha em beber, gastam todo o seu haver*), por isso aconselham economizar (*Bago a bago enche a gallinha o papo; Gram, & gram enche a gallinha*); a pelear (*Pelejam as comadres, descobremse as verdades*). Além disso, assinalam-se três níveis:

(a) Crítica com dureza que utilize tretas inimagináveis para conseguir os seus objetivos, censura alguns dos vícios mais observados nas obras da literatura europeia medieval: a inveja (*A gallinha da minha vizinha he mais gorda, que a minha*); os seus defeitos físicos, a mulher é qualificada como machona ou machorra (*A homem ruivo, & mulher barbuda, de longe os sauda*); a loucura (*Cabeça louca nam ha mister touca*); a hipocrisia (*A viuva rica com um olho chora, & com outro repica*); a sua inconstância (*Mulher, vento, tempo, & fortuna logo se muda; O homem he fogo, & a mulher estopa, vem o diabo, & assopra*). Que esteja todo o dia fora da sua casa: *A mulher andeja diz de todos, & todos della; Minha comadre andadora, tirando sua casa, em todas as outras mora; Nem as donas em sobrado, nem as raãs em charco, nem as agulhas em sacco podem estar, sem deitar a cabeça de fora*. Que fale latim, “*Odi faeminas litteratas*” (*Mula, que faz him, & mulher que falla latim, raramente ha bom fim*).

(b) Deve estar submetida ao homem, pode causar-lhe problemas, pois sempre governa: *A quem tem mulher formosa, castello em fronteira & vinha na*

carreira, nam lhe falta canseira; Em casa de Gonçalo mais pode a gallinha, que o galo; Em casa de mulher rica, ella manda, ella grita; O fumo, a mulher, & a goteira lançam ao homem de sua casa fora; Onde està o gallo, nam canta a gallinha; Triste da casa, onde a gallinha canta, & o gallo calla, etc.

(c) Níveis e esferas: *A fiar, & tecer ganha a mulher de comer; A mulher e o vidro sempre estam em perigo; Amor de mulher, & cesta de cam, só attentam pera nam; Bem canta Martha depois de farta; Cabra vai pella vinha: por onde vai a may, vai a filha; Dor de mulher morta, dura ate a porta; Là se haja Martha com seus pollos; Morra Martha, & morra farta; Nam ha geração sem rameira, & ladram; Nam se ganham trutas a bragas enxutas (“Nec mulieri, nec gremio credendum”); Não ha raynha sem sua visinha, etc.*

3.5 Velhice

Não são muitos os exemplos selecionados, porém evidenciam-se dados no que diz respeito a que os velhos são a sábia voz da experiência e várias recomendações. Estabelecem-se quatro níveis:

(a) Indica-se não desprezar os conselhos dos velhos e salienta-se a sua experiência: *Ainda que sejas prudente, & velho, nam despreses o conselho; A perro velho nam digas bus, bus; Do velho se diz ter quatro ouvidos, por ter ouvido muito; El consejo del viejo; Porque o cam velho nam ladra a caso, & temerariamente, como o novo ; O velho muda conselho, etc.*

(b) Existem diferentes situações em função da idade: *O velho por nam poder, o moço por não saber, deitam as cousas a perder; O velho torna a engatinhar; Os velhos andam com os dentes, & os mancebos com os pès; Reprnder velho, & espulgar cão duas doudices sam. Do sexo, homem ou mulher: A moça em se enfeitar, & a velha em beber, gastam todo o seu haver; Com verdade, ou com mentira casou a velha a sua filha; Engou a velha os bredos; souberamlhe bem, lambeo os dedos; Melhor he fazer agastar hum caõ, que huma velha, etc.*

(c) É aconselhável, em geral, pedir conselho ao homem velho: *Se queres bom conselho, pedeo ao homem velho.*

(d) Níveis e esferas: *Arrenego de velho que nam adivinha; Em o velho, & o menino o beneficio he perdido; se diz do velho doente, & remelloso; Guarda na mocidade pera a velhice; He mais velho, que a serpe; Nam ha melhor espelho, que o amigo velho; Não te alegres com meu doilo, que quando o meu for velho, o teu será novo ; Velho centenario; Velho, como a serpe; Velho gaitreiro; Velho menino; Velho com o olho, comello com a testa, etc.*

4. Conclusão

1. Em Portugal a lexicografia nasce no século XVI com CARDOSO e chega a ter certa plenitude com a obra de PEREIRA (VERDELHO, 1995, p. 351). Transcorre num processo de interação em primeiro lugar com o latim e depois em confronto com outras línguas vizinhas contemporâneas, nomeadamente com o espanhol. Acompanha na sua origem à lexicografia europeia, mas com uma dimensão mais modesta, num espaço linguístico periférico e com um reduzido peso demográfico. PEREIRA deve ser incluído numa tradição de transmissão cultural, consistente na recolhida antológica de textos orais ou escritos existenciais, que produz uma espécie de síntese arquitextual. Recolhe milhares de unidades lexicais com formulações morais.

2. O interesse na Europa por recopilar estes textos era notório nos séculos XVI e XVII. A publicação dos *Adágios* de ERASMO DE ROTTERDAM “começou por uma colectânea modesta (*Adagiorum collectanea*) de 818 entradas, impressa em Paris em 1500. Erasmo alargou, em sucessivas edições, o número de adágios glossados, atingindo os 4151, na ed. de Basilea de 1536 [...]” (VERDELHO, 1995, p. 417). O castelhano HERNÁN NÚÑEZ, PINCIANO DE TOLEDO (1475-1553) publica a sua obra em 1555 e COVARRUBIAS em 1611. Em obras da Literatura Espanhola dos séculos XV, XVI e XVII as parêmiatêm uma presença muito importante (HENRÍQUEZ, 2021, p. 82-83). Em Portugal DELICADO (1651) edita os *Adagios portuguezes, reduzidos a lugares communs*.

3. COVARRUBIAS (1611) e PEREIRA (1655) devem ser examinados dentro da lexicografia que bebe da *Bíblia*, da tradição grecolatina e de fontes lexicográficas ou literárias europeias e nomeadamente de autores castelhanos como o conhecido por COMENDADOR GRIEGO (1555), de quem COVARRUBIAS recolhe mais de vinte paremias que qualifica como provérbio ou rifão (HENRÍQUEZ, 2021, p. 95-98). Não obstante, em PEREIRA vemos adágios que não achamos em COVARRUBIAS: *Anda a raposa aos grillos; Cada hum diz da feira, como lhe vai nella; Do mal o menos; Escamentar em cabeça alhea. Vide Experimentar; Foi a corda a traz do caldeiram (La Celestina); Metter a palha na albarda, id est, enganar (La Celestina); Quem a boa arvore se chega, boa sombra o cobre, etc.*

As variantes e equivalências abundam no conjunto dos adágios, vários exemplos: *A cada porco vem seu S. Martinho ~ Cada porco tem seu S. Martinho; Cada hum diz da feira, como lhe vai nella ~ Cada hum falla da feira como lhe vai nella; De foro nem hum ovo ~ Nam o heide pello ovo, senam pello foro; Estorninhos, & pardais todos querem ser iguais ~ Passarinhos, & pardais todos querem ser iguais; He gram saber, callar, & comer. Vide Ovelha, que berra, bocado perde; Hum roim com outro se quer ~ Hum roim se torna com outro roim; Mais val hum passarinho na mão, que dous que vam voando ~ Melhor he hũ passarinho, nas mãos, que dous voando, etc.*

4. Seleccionamos um reduzido número de adágios (e as suas variantes), neles esquematizam-se na sua complexidade e riqueza o universo social, cultural e moral de uma comunidade concreta, o sistema de valores assinalado pelo seu sentido prático, materialista e utilitário, onde os grandes ideais não têm lugar (a solidariedade ou generosidade são derrotadas face ao poder ou o dinheiro, por este motivo surgem a desconfiança ou a astúcia). Aparece um código ético de valores muito singular: os adágios orientam e aconselham, mas também avisam sobre o que pode acontecer.

5. Nas parêmias não deve ter interesse a originalidade, muitos exemplos estão presentes na *Bíblia* ou em fontes grecolatinas (por

exemplo, *Oculus domini saginat equus* = *O cavallo engorda com o olho do seu dono*), embora não sejam mencionadas. A sua presença nas obras da literatura europeia ou dicionários tem certa importância nos séculos XVI e XVII. Não se deve silenciar que PEREIRA era jesuíta e conhecia muito bem estas fontes.

6. Na Espanha é abundante a bibliografia no século XIX, porém o interesse pela Paremiologia surge com mais intensidade durante o século XX e particularmente nas décadas de 1970 (COMBET, 1971) e 1983 (FERNÁNDEZ- SEVILLA,). Uma década mais tarde aparecem estudos sobre a Paremiografia (SEVILLA MUÑOZ, 1991). De muita relevância será a revista *Paremia*, nascida em 1993, dirigida por SEVILLA MUÑOZ, Professora da Universidade Complutense de Madrid, sobre a qual se têm promovido grupos de investigações de muita importância. Em Portugal o interesse específico pela Paremiologia aparece na última década do século XX e primeira década do XXI (GONÇALVES, 2009).

Bibliografia

CAMERON, H.: **O conjunto lexicográfico *Prosodia* (1634-1750), de Bento Pereira, S.J.** Évora: Publicações de Cidehus, 2018.

CASARES, J.: **Diccionario ideológico de la lengua española.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, , 1959.

COMBET, L.: **Recherches sur le “Refranero” castillan.** Paris: Les Belles Lettres, 1971.

DACL. **Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa.** Lisboa: Verbo, 2001.

DELICADO, A.: **Adágios Portuguezes reduzidos a lugares comuns.** Lisboa. Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651.

FERNÁNDEZ-SEVILLA, J. Presentadores de refranes en *La Celestina*. In: **Serta Philologica a Fernando Lázaro Carreter**, I. Madrid, 1983, p. 209-218

GONÇALVES, F.: Contribuciones para el estudio de la Paremiología portuguesa: el *Florilegio dos modos de fallar, e adagios da Lingoa Portuguesa* (1655). In: **Paremia** n. 18, p. 153-162, 2009.

HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R.: **La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982.

HENRÍQUEZ, M^a do C.: Las paremias en el ‘Tesoro’ de Sebastián de Covarrubias (1539-1611). In: **Revista Confluência**, Especial 30 anos , p. 78-147, junho 2021.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001 (1^a ed.).

MACHADO, J.P. : **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1977 (3^a ed.).

MADROÑAL, A.: Los refranes o proverbios en romance (1555), de Hernán Núñez Pinciano. In : **Revista de Literatura (Rlit)**, n. 127, 2002, p. 5-39.

NÚÑEZ DE TOLEDO, H. (1555): **Refranes de la lengua castellana**. Madrid: Ediciones Guillermo Blázquez, 2 vols., 2001.

SEVILLA MUÑOZ, J. Propuesta de sistematización paremiográfica. In: **Revista de Filología Románica**, n. 9, 1991, p. 31-39.

VERDELHO, T.: **As origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesa**. Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1995.

VERDELHO, T.; SILVESTRE, J.: **Dicionarística portuguesa. Inventário e estudo do património lexicográfico**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007.